

BLOCO IV

NOTA, RESENHA E DISSERTAÇÕES

A NÃO-VIOLÊNCIA COMO FORÇA DE LIBERTAÇÃO

Côn. Dr. José Adriano

Esta reflexão parte do fato da atual situação de violência e a da conseqüente resposta cristã não-violenta como uma nova e antagonica força moral inspirada no Evangelho.

Puebla havia constatado que a violência hoje é institucionalizada e estrutural. Ela possui uma razão que marca fortemente a história e a vida do povo conforme constatou a *Populorum Progressio* nº 9: "o escândalo da estridente disparidade, não só no uso dos bens porém mais ainda, no exercício do poder".

A violência é uma ação lesionante do outro¹, como instrumento de coerção do mais forte

sobre o mais fraco para impor pela força² uma situação insustentável que não se pode evitar. Mt 11,12 a contrapõe ao Reino inaugurado por Cristo ao afirmar: *desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência e os violentos o arrebatam*, por isso, a violência é um problema capital da ética.

Hoje, constatamos a existência da violência no plano econômico que pesa sobre os pobres os quais pagam o elevado custo social; existe a violência no plano político que nega a cidadania; existe a violação dos direitos humanos como sinal da decadência dos valores espirituais e culturais³.

1. Cf. J. G. DAVIES, *Christian politics and violent revolution*, Mariknoll 1976, 128

2. Cf. M. A. FERRANDO, *El mensaje de Jesus a una sociedad violenta* in *Teologia y vida*, v. XXV, Chile 1984, 24

3. Cf. CARMELO FAILLA, *Violenza o non violenza*, *Ekklesia*, ano III, nº 4, Città Nuova Editrice, 1969: a violência do sistema econômico ocidental é coisa certa. Prova disso é a situação de miséria do Terceiro Mundo, explorado em suas reservas naturais e valores morais, para o sustento de estruturas capitalistas neo-liberais.

Existe, também, a violência de quadrilhas fortemente armadas, agindo nos centros urbanos. A solução para esse *satanismo social* parece estar na mobilização popular que, numa *pressão moral libertadora*, é capaz de evitar que sucumba a esperança num futuro melhor.

É preciso assinalar, com clareza, a violência que se faz ao próprio Evangelho, quando usado como uma apologia que a legitima. Jesus não ignorou que a estrutura e os sistemas oprimem o homem: “não é o homem que é feito para o sábado, mas o sábado para o homem” (Mc 2,27). Não se pode sacrificar as pessoas em nome de observações legais. Jesus preferiu, para realizar seu projeto de salvação, sacrificar-se a si mesmo. Jesus, da mesma forma, decretou a não-violência quando desarmou o discípulo, afirmando que “todos os que fazem uso da espada, pela espada perecerão” (Mt 26,52). Assim, somente a morte e a ressurreição são o fulcro de qualquer libertação possível⁴.

1. O CRISTÃO E A VIOLÊNCIA

Diante do realismo hodierno, somos constrangidos a afirmar a impossibilidade de superação plena da

violência, do mesmo modo que é moralmente impossível para o homem superar a experiência do mal. O mal ainda não foi extirpado da condição humana. Para a utopia cristã, porém, a esperança garante o banimento do mal e a realização plena do bem.

O cristão crê na fecundidade da ação inspirada pelo amor já que a força do Evangelho é a encarnação da verdade de Deus e, nessa verdade, está o seu poder: verdade que liberta e que é capaz de transformar a história. Os verdadeiros sinais de esperança residem na crescente tomada de consciência do povo, na solidariedade fraterna, na ajuda recíproca e na busca de uma sociedade mais justa e, portanto, mais humana.

Assim, devemos afirmar que os valores, tanto humanos quanto cristãos, conflitam com o assassinio, a tortura e a repressão. Esses valores são vividos, plenamente, através da conversão do coração, acolhendo os dons de Deus em espírito de pobreza.

2. AÇÃO NÃO-VIOLENTA

A violência atinge plenamente seu objetivo quando se encontra numa sociedade massificada, privada de sentido crítico, sem solidariedade humana e sujeita inteiramente

4. Cf. J.S. HOYLAND, *Gandhi in defense*, Devret, Assis 1968, 48: A cruz é o acontecimento eterno na história da humanidade. Deus é amor, dizia Gandhi, e o amor se identifica àquele que é morto na cruz.

ao consumo. A situação de violência, portanto, constitui um desafio à não-violência. A ação não-violenta é, hoje, uma oportunidade excelente oferecida aos cristãos e a todos os homens e mulheres de boa vontade, para que ajam em favor da superação de todo tipo de dominação⁵. A violência se nutre de mais violência, por isso, deve ser rejeitada de modo radical. A não violência, deve ser aceita, integralmente, como princípio vivificador da verdadeira natureza do homem⁶.

A ação não-violenta é um espírito e um método. Conhecemos tantos exemplos da sua eficácia em diversas situações de injustiça: Gandhi é conhecido como o apóstolo da não-violência na África do Sul e na Índia; Martin Luther King é tido como um mártir da defesa dos negros, discriminados pelo ódio racial do recente passado americano; Helder Câmara foi o pioneiro de tal ação na América Latina e, como ele, tantos outros.

3. O ESPÍRITO DA NÃO-VIOLENTA:

A não-violência parte da convicção de que os homens não se confrontam, irremediavelmente, uns aos outros como inimigos, mas que, numa situação de conflito, provam o desafio de superação no diálogo e na tolerância. Quando tal conflito provém de uma evidente situação de injustiça caracterizada pelo domínio de uns sobre os outros, cabe aos mais fracos empreender uma *pressão moral* extremamente ativa e eficaz, mas não violenta, que faça ver ao opressor a sua injustiça e o conduza a corrigi-la. Dessa forma, ambos se libertam: o prepotente se liberta de ser opressor e o fraco de sua situação de oprimido. Essa situação encarna um modo especial de viver o Evangelho: opor-se ao violento de modo não-violento.

A não-violência se inicia com a transformação radical da própria vida pessoal. É necessário, pois, fazer *violência* a si mesmo, supe-

5. Cf. B. SORGE, *il cristiano, la rivoluzione e la violenza*, La C. Cattolica (2835/36), 446: os cristãos são chamados a uma revolução estrutural, reconhecendo nesse empenho seu preciso dever moral de solidariedade humana e de testemunho evangélico.

6. A não violência exclui de modo absoluto a violência porque é animada de uma força interior pela qual a “conquista do adversário se alcança através do próprio sofrimento” (*Da Giovane India*, (5/11/1919) Torino, 1969). A não violência não é uma virtude estóica. A essência da não violência está, para Gandhi, no significado que Jesus dava as palavras das Bem Aventuranças as quais requerem humildade e mansidão, porque somente isso introduz no Reino de Deus e cria uma verdadeira fraternidade entre os homens.

rando os instintos egoístas que separam o EU do OUTRO, vencendo a tentação do acomodamento e da passividade e superando o medo que se refugia no coração humano. Os ativistas da não-violência fizeram dos dez mandamentos seguintes, a regra de ouro da própria vida:

1. *Meditar todos os dias na predicação e na vida de Cristo.*

2. *Saber que a ação não violenta tem por fim a reconciliação e a justiça, não a vitória.*

3. *Conservar no comportamento e nas palavras uma atitude de amor, porque Deus é amor.*

4. *Orar todos os dias e pedir a Deus a graça de ser seu instrumento.*

5. *Sacrificar os interesses pessoais para que todos os homens possam ser livres.*

6. *Observar para com os inimigos, como também para com os amigos, as regras da cortesia.*

7. *Habituar-se ao serviço dos demais e do mundo.*

8. *Evitar a violência, tanto das mãos como a violência da língua e do coração.*

9. *Observar a higiene espiritual e física.*

10. *Respeitar as ordens da ação não-violenta e de seus líderes durante as manifestações⁷.*

A não-violência é uma resposta à violência e à opressão, mas não é o resultado nascido de mecanismos instituídos para reagir do mesmo modo. Essa é uma resposta que vem do mais profundo da nossa liberdade interior e que nos torna capazes de pautar as relações humanas por valores evangélicos.

O exemplo mais claro do espírito da não-violência se encontra no diálogo. Dialogar não é juntar dois monólogos ou defender só a própria verdade, denunciando os erros do adversário. A postura dialogal supõe que se comece por reconhecer a verdade do outro, o bem que há nele e ter a honestidade de dizê-lo.

Seguir o caminho da não-violência é fazer a distinção no opressor entre o mal feito por ele e a pessoa que ele é. Trata-se de amar a pessoa e detestar o mal. O não-violento se esforça por viver a espiritualidade do servo sofredor (Is 53); esforça-se, também, para evitar todo espírito de dominação ou de superioridade; procura a serenidade num treinamento para vencer o medo; vive da verdade, diz a verdade, defende a verdade; tem coerência e firmeza de pensamento; enfim, está convencido que é o amor e não o ódio a dar a última palavra na história.

7. Cf. BLAZQUES F., *Ideário de Helder Câmara*, Sígueme, Salamanca 1974, nº 200, 5.

4. O MÉTODO DA NÃO-VIOLÊNCIA

A não-violência existe na ação concreta. Como ação, opõe-se a injustiça social com toda a sua carga de violência institucionalizada. A não-violência não se confunde com a passividade nem com imobilismo ou a tolerância com a injustiça. É, em primeiro lugar, atitude de fé: unir-se a Deus na oração é unir-se aos homens na ação. Como toda ação humana, a não violência deve ser perseverante, clara nos seus objetivos e metódica nas suas etapas. Não dispensa a mediação da análise social, ao contrário, precisa dela como instrumento indispensável para poder colher os problemas reais, a injustiça concreta com suas causas e suas ligações mais profundas.

A ação não-violenta pretende provocar mudanças no comportamento social humano. A sua visão do homem e da sociedade faz surgir métodos e ações não-cooperantes com os sistemas injustos em todos os níveis. As ações da *pressão moral coletiva* tendem a retirar, sistematicamente, o apoio aos sistemas injustos, impondo a procura e a realização de soluções alternativas⁸.

A aspiração a um mundo fraterno e justo não pode ser negada na sua essência pela ação mesma que quer a transformação da sociedade.

A não-violência, enquanto ação perseverante, se nutre da convicção do valor absoluto da pessoa humana. A esta convicção, a fé cristã dá um importante contributo: a crença na pessoa e na obra de Jesus. Ele é o não violento ativo por excelência quando cura os enfermos, multiplica pães, chama a atenção contra as riquezas, evangeliza os pobres, ressuscita mortos. Cada um, de fato, será julgado pelo modo de tratar o faminto, o enfermo, o prisioneiro, o estrangeiro. A fé cristã torna possível "aceitar nobremente o que não pode ser mudado: afrontar as desilusões e as dores com equilíbrio interior, e assumir a mais intensa pena sem abandonar o sentido da esperança"⁹.

A não-violência deve ser não só lembrada, mas re-atualizada como sinal de uma humanidade madura. A reconciliação em vista de uma justiça sem ódio deve ser a tônica do homem de hoje. A moral cristã insistirá sempre em que a mansidão e a paz é que pertencem à natureza do homem, não o ódio e a violência.

Cón. Dr. José Adriano, é Doutor em Teologia Moral e Diretor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção
End.: Av. Nazaré, 993
04263-100 Ipiranga - SP

8. Cf. o método de Gandhi: a. desobediência civil às leis injustas; b. não-cooperação com um Estado injusto; c. Jejum, que deve nascer do profundo da alma e da relação da pessoa com Deus, portanto de um ato de fé (não é simples greve de fome)

9. Sobre Martin Luther King, in *Osservatore Romano* (04/4/78), 5